



## Direito Aberto

Colaboração com a:



**Paulo Bandeira**

Advogado Coordenador do Departamento de Direito Societário e Comercial da SRS Advogados



# Governance em tempo de crise

**Pode a adopção** de medidas de *corporate governance* ajudar as empresas a superar a crise?

A pergunta é cíclica (como as crises) e a sua resposta é um desafio para todos os teorizadores (especialmente aqueles que se debruçam sobre a vertente económica) do *corporate governance*.

**A boa governance** é pela transparência, fluência da informação e compatibilização da maximização do retorno accionista com a sustentabilidade a longo prazo e os interesses dos demais *stakeholders*. Ao invés, em tempos de crise as empresas tendem a fechar-se, a diminuir os fluxos de informação, a retrain-se nos investimentos, a diminuir consideravelmente o retorno accionista e a considerar como de segunda linha as preocupações com os demais agentes que gravitam em torno das sociedades.

**Por outro lado**, as crises fazem com que se exacerbem os problemas e se extremem as 'soluções'. À retracção das empresas em tempos de crise (que muitas vezes o mercado interpreta como opacidade) e, sobretudo em crises financeiras, em resposta aos motivos da mesma, reage-se com mais regulação, com mais intervenção, com mais obrigações de prestação de informação, com restrições às remunerações dos membros dos órgãos sociais, com restrições ao retorno accionista, etc..

**Neste cenário**, a adopção de boas práticas de *corporate governance*, não atacando as bases da crise, nem constituindo uma panaceia para a mesma, reforça a transparência nos processos decisórios no âmbito da sociedade, reforça a transparência na prestação de informação e, conseqüentemente, a boa percepção que os mercados têm dessas mesmas empresas.

Não é, por isso, surpreendente que os índices de sustentabilidade das bolsas de valores (índices calculados tendo por base as valorizações bolsistas das empresas mais sustentáveis, ou seja, com melhores práticas de *governance*, políticas ambientais, políticas laborais e sociais) apresentem consistentemente melhores *performances* do que os índices bolsistas tradicionais (o que os índices Dow Jones e Nasdaq, entre outros, atestam).

**Isto significa** que, em igualdade de circunstâncias e de confiança na sustentabilidade financeira, os investidores estão mais disponíveis para investir em empresas que apostam numa relação transparente com o mercado, empenhadas com a comunidade e que valorizam adequadamente o sector social e o ambiente, do que em empresas que não valorizam adequadamente as boas práticas de *governance* ou que não estão comprometidas socialmente. Em consequência, estas empresas mostram ser aquelas que resistem melhor às quedas bolsistas, sendo muitas vezes refúgios de investimento.

**Exactamente** considerando a crise que atravessamos, não será este o momento certo para valorizar ainda mais o *governance* em Portugal lançando a discussão relativa à criação de um índice de sustentabilidade para as empresas cotadas portuguesas?